



Revista Eletrônica Multidisciplinar Pindorama
do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA
Nº 01 – Ano I – Agosto/2010 – www.revistapindorama.ifba.edu.br

Propostas Metodológicas da Iniciação Esportiva Escolar

Prof. MSc. Ricardo Rodrigues Mendes

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA
Campus Porto Seguro – BA – Brasil
ricardor@ifba.edu.br

Prof. MSc. José Arlen Beltrão de Matos

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB

Prof. Amílcar Cardoso de Pinho

Secretaria de Estado da Educação – MG

Resumo

Há identificação entre os princípios e processos metodológicos clássicos analítico-sintético e global-funcional, os quais são mais utilizados em aulas de voleibol para crianças de sete a quatorze anos de idade. O princípio analítico-sintético promove uma aprendizagem singular concentrada nas atitudes mecânicas do jogo promovendo um aprendizado objetivo e específico. O sistema global-funcional propõe uma aprendizagem gradativa e adaptada para as faixas de idade desenvolvendo aspectos físicos, sociais e psíquicos, contribuindo para que os alunos se desenvolvam tecnicamente, mas, de outro lado, evoluam sua inteligência tática.

Palavras-chave: Ensino. Iniciação Esportiva. Metodologia. Método.

INTRODUÇÃO

A aprendizagem, segundo Coelho (1993), “é o resultado da estimulação do ambiente sobre o indivíduo já maduro que se expressa diante de uma situação problema, sob a forma de mudanças de comportamento em função da experiência.”

Para Rochemburg (1999) a aprendizagem constitui-se por processos de assimilação e equilíbrio baseados nas experiências vividas pelo indivíduo.

Para Greco (1998) o aprendizado das práticas esportivas está centrado nas assimilações em três esferas de evolução as quais estão intrinsecamente ligadas a qualquer organização lúdica esportiva. Essas esferas circundam os componentes Físicos, Psíquicos e Sociais que como importantes fundamentos da formação integral do indivíduo não podem estar dissociados dos objetivos, metodologias e resultados; principalmente em ambientes escolares.

As práticas esportivas formais e não formais estão consolidadas como direito legítimo do cidadão brasileiro, garantidos na Constituição Federal (1988). As práticas de exercícios físicos que oriundas dos treinamentos militares do início do século XX passaram a ser ofertadas como conteúdo obrigatório das aulas de Educação Física escolar através de uma determinação das corporações militares da época. Essas foram convertidas para práticas desportivas com perfil competitivo esportivista baseados na idéia de supremacia esportiva do Futebol de Campo brasileiro da época. (PCN, 1997)

Com o aumento maciço da população mundial não diferente da brasileira, o êxodo rural das três últimas décadas do séc. XX no Brasil, o enfraquecimento dos setores agrários nacionais e, a crescente privatização da oferta das iniciações esportivas, levaram a um inevitável encurtamento dos espaços formais e não-formais gratuitos e a diminuição das práticas de lazer das atividades esportivas integrantes das políticas públicas governamentais, causando uma menor oportunidade e uma condensação do tempo de aprendizado dessas práticas.(Freire, 2003)

A escola que historicamente foi constituída pela necessidade de organização, desenvolvimento e aplicação de fundamentos éticos da convivência e relação entre indivíduos e ambiente, naturalmente se tornou veículo de organização das mais variadas estratégias de evolução das inteligências dos indivíduos sociais, dentre elas: a convivência em grupo, o respeito mútuo, a emancipação social e a saúde individual e coletiva, traduzido perfeitamente nas práticas corporais que com o passar dos anos se tornaram os agentes metodológicos dos objetivos da escola, os então: Esportes, Jogos, Lutas, Danças e as manifestações culturais emergentes (Brasil,1998).

Para a composição dos conteúdos relacionados à organização estrutural das aulas de Educação Física no Brasil, temos como balizadores formais os parâmetros curriculares nacionais (PCN's). As discussões sobre formações curriculares sempre foram pautas de debates entre os educadores, pois a especificidade do ensino em se tratando de um país continental como o Brasil deveria e foram contempladas pelo próprio PCN (1997) a partir da necessidade de adaptação as diferentes características regionais.

Segundo os PCN's (2001) o conhecimento e a vivência sistematizada da cultura do movimento humano devem ser balizados por uma postura reflexiva, no sentido da aquisição da autonomia necessária a uma prática intencional, que considere o lúdico e os processos sócio-comunicativos como perspectiva da ampliação da formação cultural e da adoção de um estilo de vida ativa e saudável.

Os jogos desportivos coletivos são constituídos por várias modalidades esportivas - voleibol, futebol de Salão, basquete, handebol, entre outros e, desde sua origem, têm sido praticados por crianças e adolescentes dos mais diferentes povos e nações. Nas salas de aula, em casa, em debates de amigos, o esporte está sempre na pauta das discussões formais e informais. (Santana, 2001)

E as abordagens metodológicas? Em oposição às vertentes mais tecnicistas, esportivistas e biologicistas surgem novas abordagens na Educação Física escolar a partir do final da década de 70, a Educação Física Psicomotora, Construtivista, Desenvolvimentista e Crítico-superadora ganham espaço a partir de um contexto de discussões sobre a contribuição das práticas esportivas na formação dos indivíduos participantes da escola. (Paes, 2001)

MÉTODOS DE ENSINO DO ESPORTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Vários autores apresentam propostas, visando discutir o ensino dos esportes. No caso dos jogos desportivos coletivos, verificamos aumento crescente no diálogo, almejando a busca de novos procedimentos pedagógicos, com vistas a facilitar o aprendizado. Bayer (1994) afirma coexistir duas correntes pedagógicas de ensino para os jogos desportivos coletivos: uma utiliza os métodos tradicionais ou didáticos, decompondo os elementos (fragmentação), na qual a memorização e a repetição permitem moldar a criança e o adolescente ao modelo adulto.

A outra corrente destaca os métodos ativos, que levam em conta os interesses dos jovens e que, a partir de situações vivenciadas, iniciativa, imaginação e reflexão possam favorecer a aquisição de um saber adaptado às situações causadas pela imprevisibilidade. Essa abordagem pedagógica, chamada de pedagogia das situações, deve promover aos indivíduos a cooperação com seus companheiros, a integração ao coletivo, opondo-se aos adversários, mostrando, ao aprendiz, as possibilidades de percepção da "situação de jogo", interferindo na tomada de decisão, elaborando uma "solução mental", buscando resolver os problemas que surgem com respostas motoras mais rápidas, principalmente nas interceptações e antecipações, frente às atividades dos adversários (Garganta, 1998).

Ainda nesse raciocínio, Gallahue e Osmum (1995) apregoam uma abordagem desenvolvimentista, que, ao ensinar as habilidades motoras (técnicas) para a faixa etária de 7- 10 anos, a aprendizagem deve ser totalmente aberta, ou seja, os conteúdos do ensino são aplicados pelo professor e praticados pelos alunos, sem interferência e correções dos gestos motores. Para a faixa etária de 11- 12 anos, o ensino é parcialmente aberto, isto é, há breves correções na técnica dos movimentos. Na faixa de 13- 14 anos, o ensino é parcialmente fechado, pois se inicia o processo de especificidade dos gestos de cada modalidade na procura da especialização desportiva, e somente após os 14 anos de idade deve acontecer o ensino totalmente fechado, específico de cada modalidade coletiva, e também o aperfeiçoamento dos sistemas táticos que cada modalidade necessita.

Entende-se que, nessa forma de ensino-aprendizagem, a técnica (habilidade motora) estará sendo desenvolvida em situações que acontecem na maior parte do tempo nos jogos coletivos (Gallahue; Osmum, 1995). Isso nos faz crer que a assimilação por parte dos alunos/atletas seja beneficiada, e, posteriormente, a prática constante poderá predispor a especialização dos gestos motores que permanecerão para o resto da vida.

Para Greco (1998), o ensino através do método situacional, em situações de 1x0-1x1-2 x 1, em que as situações 1, isoladas dos jogos, são aprendidas com números reduzidos de praticantes. Este autor também defende que a técnica desportiva é praticada na iniciação aos conceitos da tática, ou seja, aliando o "como fazer" à "razão de fazer". Não se trata de trabalhar os conteúdos da técnica apenas pelo método situacional, mas sim de utilizá-lo como um importante recurso,

evitando o ensino somente pelos exercícios analíticos, os quais podem não garantir sucesso nas tomadas de decisão frente às situações, por exemplo, de antecipação, que ocorrem de forma imprevisível nos jogos desportivos coletivos.

O PRINCÍPIO ANALÍTICO-SINTÉTICO

O princípio analítico apresenta a série de exercícios como medida metodológica principal (DIETRICH, DURRWACHTER e SCHALLER, 1984). Esse modelo surgiu, primeiramente, nos esportes individuais. É, particularmente, representado pelo método parcial e assume várias definições que apontam para um mesmo ponto: as habilidades são treinadas fora do contexto de jogo para que, depois, possam ser transferidas para as situações de jogo.

De acordo com Dietrich, Durrwachter e Schaller (1984, p.17), "Os representantes desse método partem do princípio que a divisão corrente do jogo em 'técnica', 'tática' e 'treino' deve também determinar a metodologia". Esse método pode ser considerado como "exato", por sua preocupação demasiada com os detalhes de cada fundamento.

Greco (1998) explica que nesse método o aluno conhece, em primeiro lugar, os componentes técnicos do jogo através da repetição de exercícios de cada fundamento técnico, os quais são logo acoplados a série de exercícios, cada vez mais complexos e mais difíceis; à medida que a ajuda e a facilitação diminuem, gradativamente aumenta a complexidade e a dificuldade das ações. À medida que o aluno passa a dominar melhor cada exercício, passa a praticar uma nova seqüência. Estes movimentos já dominados passam a ser integrado em um contexto maior, que logo permitirão o domínio dos componentes básicos da técnica inerente ao jogo esportivo, na sua situação do modelo ideal.

O PRINCÍPIO GLOBAL-FUNCIONAL

Ao falarmos de método global, nos referimos ao princípio metodológico global-funcional. A série de jogos (recreativos, grandes jogos, pré-desportivos), representa a medida metodológica principal. Esse método (global) tem se mostrado mais consistente quando comparado aos analíticos, pois atende o desejo de jogar

dos alunos, conseqüentemente, estes ganham em motivação e o processo ensino-aprendizagem é facilitado (GRECO, 2001).

Na teoria global, alguns autores (REIS, 1994; GRECO, 1998; LÓPEZ, 2002), insistem na importância da figura, da forma, da configuração, da organização da experiência, que está sempre estruturada na idéia do todo indissociável. Nessa concepção, trata-se de perceber os estímulos, não como a soma das partes, mas como um conjunto organizado. O ponto de partida é a equipe, que aprende a jogar através do deixar jogar.

No método global parte da totalidade do movimento caracteriza-se pelo aprender jogando; parte-se dos jogos pré-desportivos (jogos com algumas alterações nas suas regras) para o jogo formal; utiliza-se, inicialmente, de formas de jogo menos complexas cujas regras vão sendo introduzidas aos poucos (REIS, 1994).

Ao se tratar de treinamento moderno, o método globalizado (LÓPEZ, 2002) vem sendo o mais empregado, na medida em que interagem aspectos como a criatividade, a imaginação e o pensamento tático dos jogadores. Este autor define três objetivos principais desse método: (a) a constante tomada de decisões dos alunos, desenvolvendo assim sua inteligência tática, permitindo solucionar problemas que ocorrem durante a partida, (b) facilitar a compreensão por parte do jogador, da verdadeira estrutura do jogo com fases defensivas e ofensivas que requerem do jogador posturas diferenciadas e (c) permite, também, que os alunos enfrentem com mais segurança a competição, já que enfrentam a mesma situação em treinamentos.

Greco (1998, p.43) explica que, nesse método, "[...] procura-se em cada jogo ou formas jogadas, pelo menos a 'idéia central do jogo' ou que suas estruturas básicas estejam presentes na metodologia". Note-se que a divisão dos jogos não deve abranger muitas partes, de forma que o aluno consiga alcançar logo o jogo objetivado. Deve-se ter cuidado, também, para que as formas de jogo prévias não sejam mais difíceis que o jogo objetivado (o jogo formal).

COMPETÊNCIAS DESENVOLVIDAS COM A PRÁTICA DO ESPORTE NA ESCOLA

Competências físicas

Desenvolvimento da resistência à potência (Weineck, 1999), desenvolvimento das habilidades motoras simples para complexas, e do manejo de bola aos fundamentos mais especializados. (Greco, 1998)

Competências Sociais

Do ato de dividir coletivamente o domínio da bola à consciência cidadã no meio intra e extra esportivo. (Garcia, 2001)

Competências Psíquicas

Da compreensão entre tensão e relaxamento ao desenvolvimento da concentração e inteligência (Vygotsky, 1999). Da auto-percepção sinestésica às ações táticas complexas. (Greco, 1998)

CARACTERÍSTICAS DOS JOGOS COLETIVOS

De acordo com Greco (1998), os jogos coletivos têm características similares de composição que, geralmente, são compostos por:

- Alvo,
- Terreno,
- Participantes,
- Adversários,
- Objetivo,
- Regra.

CONSTRUÇÃO ESPORTIVA E SUAS FASES DE DESENVOLVIMENTO

O processo de iniciação nos jogos desportivos coletivos abrange desde o momento em que as crianças iniciam-se nos esportes até a decisão por praticarem uma modalidade. Desta maneira, os conteúdos devem ser ensinados respeitando-se cada fase do desenvolvimento das crianças e dos pré-adolescentes. Paes (2001).

Quadro 01. Periodização do processo de ensino para os jogos desportivos coletivos na etapa de iniciação esportiva.

Idade Biológica	Idade Escolar	Fases do Desenvolvimento esportivo, elaboradas para o estudo.	Idade Cronológica
Pubescência	Sétima e Oitava Séries	Iniciação esportiva III	13-14 anos
Primeira Idade Puberal	Quinta e Sexta Séries	Iniciação esportiva II	11-12 anos
Primeira e Segunda Infância	Primeira, Segunda, Terceira e Quarta Séries	Iniciação esportiva I	7-10 anos

FASE DE INICIAÇÃO ESPORTIVA I

A fase de iniciação esportiva I corresponde do 2º ao 4º ano do ensino fundamental, atendendo crianças da primeira e segunda infância, com idades entre 07 e 10 anos. O envolvimento das crianças nas atividades desportivas deve ter caráter lúdico, participativo e alegre, a fim de oportunizar o ensino das técnicas desportivas, estimulando o pensamento tático.

Competências Físicas:

Corrida veloz, parada, salto e aceleração. Agilidade, contato físico, contato com a bola e seus efeitos (spin, underspin).

Competências Sociais:

Interação corpórea, diversidade social e de gêneros, limites estruturais (pátio → árvores = linha, rede, mastros etc.)

Competências Psíquicas:

Tensão e relaxamento, atenção, percepção sinestésica, satisfação lúdica (prazer), confiança (pessoal e grupal).

Para Weineck (1999), crianças dessa faixa etária 07 a 10 anos demonstram grande determinação para as brincadeiras com variação de movimentos e ocupam-se de um percentual significativo de jogos, que formam de

maneira múltipla. Esse fato nos faz acreditar, que se deve proporcionar então, um ambiente agradável para que o desenvolvimento ocorra sem maiores prejuízos.

Nesse contexto, Greco (1998) e Paes (2001) afirmam que a função primordial é assegurar a prática no processo ensino-aprendizagem, com valores e princípios voltados para uma atividade gratificante, motivadora e permanente, reforçada pelos conteúdos desenvolvidos pedagogicamente, respeitando-se as fases sensíveis do desenvolvimento, com carga horária suficiente para não prejudicar as demais atividades como o descanso, a escola, a diversão, dentre outras; caso contrário, será muito difícil atingir os objetivos em cada fase do período de desenvolvimento infantil.

A educação física escolar tem função primordial nessa fase, aumentando a quantidade e a qualidade das atividades, visando a ampliar a capacidade motora das crianças, a qual poderá facilitar o processo de ensino-aprendizagem nas demais fases. De qualquer modo, seja na escola ou no clube, a efetividade da preparação e da formação geral que constituirão a educação geral dos atletas no futuro só poderá ser maximizada na interação professor/técnico, escola, aluno/atleta e demais indivíduos que têm influência no desenvolvimento dos jovens.

FASE DE INICIAÇÃO ESPORTIVA II

A fase de iniciação esportiva II é marcada por oportunizar os jovens à aprendizagem de várias modalidades esportivas, atendendo crianças e adolescentes da 6º ao 7º ano do ensino fundamental, com idades aproximadas de 11 a 12 anos, correspondente à primeira idade puberal. Partindo do princípio de que a fase de iniciação desportiva I visa à estimulação e à ampliação do vocabulário motor por intermédio das atividades variadas específicas, mas não especializadas de nenhum esporte, a fase de iniciação esportiva II dá início à aprendizagem de diversas modalidades esportivas, dentro de suas particularidades.

Competências Físicas:

Resistência, velocidade, controle de bola, visão periférica, noção espaço-temporal, noção de Ataque-Defesa.

Competências Sociais:

Atitude cooperativa, controle emocional, ação grupal, liderança e cumplicidade,

relação com o perder e ganhar.

Competências Psíquicas:

Relação erro/acerto, raciocínio defensivo e ofensivo, relação derrota/vitória, confiança do grupo, táticas individuais.

Em relação à diversificação e à aprendizagem de várias modalidades esportivas, Bayer (1994) entende que, em nível de aprendizagem, o "transfer" é admitido, ou seja, a transferência encontra-se facilitada logo que um jogador a perceba na estrutura dos jogos desportivos coletivos. Assim, os praticantes transferem a aprendizagem de um gesto como o arremessar ao gol no handebol, a cortada do voleibol ou o arremesso da cesta no basquetebol. Trata-se, então, de isolar estruturas semelhantes que existem em todos os jogos coletivos desportivos para que o aprendiz reproduza, compreenda e delas aproprie-se. Entretanto, o autor adverte: "ter a experiência duma estrutura não é recebê-la passivamente, é vivê-la, retomá-la e assumi-la, reencontrando seu sentido constantemente" (Bayer, 1994, p. 629).

Nessa fase, a escola é o melhor local para a aprendizagem, pois, existem inúmeros motivos para que as crianças e adolescentes procurem os desportos, entre eles: encontrar e jogar com outros garotos, diversão, aprender a jogar e ainda, na escola, o professor terá controle da frequência e da idade dos alunos, facilitando as intervenções pedagógicas. No âmbito informal, como no clube desportivo, isso pode não ocorrer, mas a função do professor/técnico do clube deve propiciar à criança o mesmo tratamento pedagógico que esta recebe na escola, para facilitar o desenvolvimento dos alunos/atletas.

FASE DE INICIAÇÃO ESPORTIVA III

Nesse momento do processo, a iniciação esportiva III é a fase que corresponde à faixa etária aproximada de 13 a 14 anos, às 7ª e 8ª séries do ensino fundamental, passando os atletas pela pubescência. Enfatizamos o desenvolvimento dessa fase, para os alunos/atletas, a automatização e o refinamento dos conteúdos aprendidos anteriormente, nas fases de iniciação esportiva I e II, e a aprendizagem de novos conteúdos, fundamentais nesse momento de desenvolvimento esportivo.

Competências Físicas:

Aperfeiçoamento da força, força com velocidade (potência), velocidade de reação, alta complexidade de movimentação corporal, especialização intra e intermuscular.

Competências Sociais:

Relações interpessoais, extraclasse e intercolegiais, identidade de grupos, relação liberdade e responsabilidade, reconhecimento da liderança constituída, diferença estética e de hábitos sociais.

Competências Psíquicas:

Capacidade de motivação, automatização, experiência individual ofensiva e defensiva, clareza no uso das regras, compreensão de vantagens físicas e mecânicas, autocontrole, inteligência sinestésico-corporal.

Nesta fase, a automatização e o refinamento da aprendizagem inicial possibilitam ao praticante optar por uma ou outra modalidade após as experiências vividas e depois da aprendizagem de várias modalidades esportivas. Acreditamos que os movimentos desorganizados aos poucos vão se coordenando, e os jovens, por sua própria natureza e interesse, vão se decidindo em qual modalidade se especializarão.

Nesse período do processo de desenvolvimento, os técnicos de cada modalidade utilizam suas experiências e competência profissional como instrumento de seleção esportiva. Outras possibilidades são necessárias para auxiliar os técnicos, como o apoio dos pais, das prefeituras, dos estados, das instituições, federações e confederações, a fim de promover os talentos (Oliveira, 1997).

CONCLUSÃO

O processo de iniciação esportiva pautado pelo envolvimento de atores sociais que permanentemente sofrem as interferências das evoluções emergentes, eles: professores, escola, alunos e estudiosos, devem se preocupar com os detalhes deste momento tão importante do Esporte como fenômeno e agente educacional. As práticas pautadas pela organização holística e principalmente por peças indispensáveis na promoção da formação de seres sociais, devem basicamente e permanentemente conter o prazer e o respeito como norteadores de modo que toda convivência com os esportes, jogos, lutas, danças e quaisquer manifestações

culturais ligadas à formação da Cultura Corporal de movimento e que na prática, se obtenha uma melhora motora mas acima de tudo se amplifique a formação de novos comportamentos sociais favoráveis a qualquer convivência nas aulas de Educação Física.

Abstract

This study has attempted to identify which methodological classical principles - the analytical-synthetic and the global-functional have been mostly used in Physical Education lessons for children at the age of seven and fourteen years old. The analytical-synthetic principle was the only one used. It was concluded that the pedagogical is the one that understands that children will learn volleyball contributes to the social, psychological and physical development of such children, but on the other hand, compromises their tactical intelligence.

Keywords: Education. Sports initiation. Methodology. Method.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BAYER, C. **O ensino dos desportos coletivos**. Paris: Vigot, 1994.
2. BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988.
3. Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
4. COELHO, Maria T. e JOSÉ, Elizabeth A. **Problemas de aprendizagem**. São Paulo, Átila, 1993.
5. FREIRE, J.B. **Pedagogia do futebol**. Campinas, Autores Associados, 2003.
6. GARGANTA, J. **Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos**. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Eds). **O ensino dos jogos desportivos coletivos**. 3 ed. Lisboa: Universidade do Porto, 1998.
7. GALLAHUE, D.L. **Desenvolvimento Motor**. São Paulo: Phorte, 2001.
8. GALLAHUE, D.L., OSMUN, J.C. **Understanding Motor development: Infants, Children, Adolescents, Adults**, Dubuque: BROWN & BENCHMARK PUBLISHERS, 1995, pág. 570.

9. GRECO, P.J. **Iniciação esportiva universal 2: metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
10. GRECO, P.J. **Métodos de ensino-aprendizagem-treinamento nos jogos esportivos coletivos.** In: GARCIA, E.S; LEMOS, K.L.M. *Temas atuais VI - Educação física e esportes.* Belo Horizonte: Health, 2001. cap.3, p. 48-72
11. KRUG, Arno. **O ensino do voleibol sob o ponto de vista desenvolvimentista versus o ensino centrado nas habilidades esportivas.** CNPQ, 2002.
12. LÓPEZ, J.L. **Fútbol: 1380 juegos globales para el entrenamiento de la técnica.** Sevilla: Wanceulen, 2002.
13. MUSCH. E. A.; MERTENS, B. **L'enseignement des sports collectifs: une concéption élaborée** à l ISEP de 1.^a Université de Gand, *Révue de l'Education Phisique*, 31, 7-20, 1991.
14. OLIVEIRA, V. **O processo do desenvolvimento do talento: O caso do basquetebol.** XII Congresso Brasileiro de Ciência do Esporte, 2001, Caxambu, Anais... p. 198.
15. PAES, R. R. **Educação Física Escolar: o esporte como conteúdo pedagógico no ensino fundamental.** Canoas: Ed. ULBRA, 2001.
16. PÉRILLIER, José R. **Competição comprova o sucesso do vôlei brasileiro.** In. *Revista Vôlei Técnico.* Ano 1. No. 0 p.5 CBV. 1994.
17. REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **O ensino dos jogos esportivizados na escola.** 1994. Dissertação (Mestrado em Educação Física) UFSM, Santa Maria.
18. ROCHEMBURG. **Aprendendo a psicologia.** Manole, 1999.
19. SANTANA, W.C. **Futsal: metodologia da participação.** 2^a ed. Londrina: Lido, 2001.
20. WEINECK. **Treinamento ideal.** São Paulo: Ed. Manole, 1999.

Publicado, em 22 de agosto de 2010, na www.revistapindorama.ifba.edu.br